

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

AINDA SOBRE UMA HIPÓTESE ACERCA DA BATALHA DE ALJUBARROTA.

SOUSA, J. M. Cordeiro de

Ano: 1963 | Número: 73

Como citar este documento:

SOUSA, J. M. Cordeiro de, Ainda sobre uma hipótese acerca da Batalha de Aljubarrota.
Revista de Guimarães, 73 (1-2) Jan.-Jun. 1963, p. 91-94.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Ainda sobre uma hipótese acerca da batalha de Aljubarrota

Por J. M. CORDEIRO DE SOUSA.

O último número dos «Anais» da Academia Portuguesa da História insere um erudito trabalho do illustre académico e meu presado amigo Senhor capitão Melo de Matos, que é o desenvolvimento de uma comunicação em que Sua Ex.^a refutou uma nota que publiquei no vol. LXXI da «Revista de Guimarães», permitindo-me discordar da sua opinião acerca da batalha de Aljubarrota.

É muito ingrata a posição de quem pretende expor o seu modesto modo de ver de simples curioso, quando diverge da opinião dos mestres. Mas, no caso presente, a correcção da contradita leva-me a tentar, pela segunda e última vez, a justificação do meu parecer sobre o assunto.

A minha opinião não se firma «numa das narrações de Froissart», como supõe o meu muito apreciado amigo, mas na probabilidade dos atacantes que, não se tendo apercebido das defesas organizadas com as covas de lobo, terem confiado no êxito da arremetida da sua cavalaria e também, com efeito, «nas palavras que Fernão Lopes atribuiu ao Condestável, antes do começo da batalha», palavras que o meu amigo Melo de Matos interpreta em sentido oposto.

Longe de mim a ideia de uma polémica. Sòmente a insistência, porventura impertinente, numa opinião a que o meu raciocínio me conduziu.

*

Não vou, por desnecessário, repetir os argumentos apresentados na nota antecedente; atrevo-me, no

entanto, a lembrar ao meu ilustre contraditor quão desnecessária me parece a citação, muito embora erudita, de tantas batalhas travadas em terras estranhas, quando nesta nossa, a «hũa mea legua, pouco mais ou menos, aaquem da fronteyra», com uns escassos meses de intervalo da que nos ocupa, temos um flagrante exemplo, em que nas hostes colocadas frente a frente e ordenadas «segundo costume de Espanha», intervieram até alguns dos mesmos comparsas e com idêntico resultado.

Na batalha dos Atoleiros, ferida naquela Quinta-feira de Trevas, dia 6 de Abril do ano anterior à de Aljubarrota, «os castellaãos (...) como viram Nunalurez com sua gente assy de pé (...) hordenarom que viessem aa batalha de cauallo, atreuendose que eram muitos & bem encaualgados, & que logo os desbaratariam, & concertarom suas batalhas a cauallo & toparom muy de rijo em Nunalurez & nos seus (...) & nos primeiros golpes forom mortos & feridos muytos cauillos dos castellaãos. E com as feridas os cauillos aluoroçavam & derribauam sy & seus donos (...)).»

Assim nos descreve essa batalha a «Crónica do Condestabre» no capítulo XXVIII, e Fernão Lopes quase com as mesmas palavras.

O notável historiador Oliveira Martins, considera-a «um prólogo e um ensaio» dessa outra que, no dizer do Prof. Vergílio Correia, «acabou de vincar a diferenciação portuguesa no conjunto peninsular».

Ha, em verdade, entre as duas batalhas muitos pontos de semelhança.

Sem nos determos nos insistentes chamamentos pelo Condestavel em nome do irmão Pedr'Alvares, com as tentadoras promessas de «muytas mercees», etc., em ambas Nuno Álvares escolhe o terreno «convinhavel» para o combate; em ambas faz apear, «deceer pee terra todollos seus homeês darmas», ordenando-os «davenguarda & resguarda & allas deryta & esquerda»; em ambas, montado na sua mula, foi «esforçando todallas geentes com boas palavras e gesto ledó», após o que «se pos a pee na vanguarda ante a sua bandeira».

Tanto numa como na outra colocou os homens de armas à frente com as suas compridas lanças incli-

nadas para diante, «tecendo uma sebe viva, porque cada lança tinha um braço de homem a aguenta-la» (Oliveira Martins, *A vida de Num' Alvares*) e os bésteiros e a peonagem na segunda fileira e pelas alas, esperando o embate do inimigo que, nesta de Aljubarrota, trazia «muitos senhores e fidálgos armados em boas e esplandcentes armas, e todos (com) plumões nos bacinetes que lhes davam mui grande e formosa vista» (Fernão Lopes, *Cron. del Rei D. João I*, Cap. XXXVIII).

Como nos Atoleiros, em Aljubarrota a cavalaria castelhana terá, quanto a mim, iniciado o ataque carregando confiada pela charneca sem suspeitar da existência do «complexo sistema de fossas e covas de lobo» disfarçadas com ramagem, onde os cavalos cairam e, com eles, os cavaleiros, «muchas fozas cubiertas con ramas», como contou depois o «despensero mayor de la reina doña Leonor».

Então explica-se que esses cavaleiros quebrassem as suas compridas lanças que chegavam a atingir 20 pés, próprias para o ataque quando montados, mas que fatalmente os embaraçavam no combate a pé.

Se já vinham com a intenção de combater desmontados, seria lógico servirem-se das armas próprias para esse género de luta, como a acha de armas, a lança curta, a espada de armas, o machado, etc., e não se teriam visto obrigados a cortar as suas grandes lanças apressadamente na hora da batalha, em face do inimigo, pois cada cavaleiro terá vindo acompanhado durante a longa marcha desde Ciudad Rodrigo pelas terras áridas de Castela e através dos verdejantes salgueirais de Coimbra até à fatídica charneca visinha de Leiria, pelo seu pagem que lhe transportava não só o elmo, o escudo, a lança, etc., mas até o cavalo de batalha.

«Les chevaliers combattant pied à terre (...) avaient dû adopter naturellement les armes de l'infanterie.

La hache à deux mains, l'épée à deux mains, l'épée courte appelée aussi coutille ou dague, la lance retaillée à 5 pieds la veille de la bataille et transformée en épieu, furent d'un fréquent usage pendant cette période et continuèrent encore à servir dans les pas

d'armes des XV.^e et XVI.^e siècles» (E. Van Vinkeroy, *Armurerie*).

A propósito destas espadas de duas mãos penso se aquela «espada de armas» que D. João Afonso Telo, na tarde de Aljubarrota mandou «de gages» a Nuno Álvares, e ele retribuiu prazenteiro com uma «boa facha de chumbo», não seria uma dessas espadas de duas mãos, de que nos fala o erudito Van Vinkeroy (obr. cit.).

É certo que o encontro de ossadas de cavalos durante as escavações no campo da batalha, não quer dizer «que estes tenham sido mortos no próprio local em que apareceram», como objectou o meu amável oponente, mas quer dizer que houve cavalos que ali caíram mortos, pelo que é lícito supor que houve cavalos que entraram na batalha.

Ou tenham morrido numa possível carga inicial, ou tenham vindo para o campo «já depois de pronunciada a derrota», eu prefiro a primeira hipótese.

Aliás o ataque a cavalo pelos castelhanos, segundo diz Costa Veiga, fôra previsto pelo Condestável.

Melo de Matos, citando Froissart, deixa-nos a impressão de não desprezar a eventualidade dos cavaleiros franceses, gascões lhes chama Fernão Lopes, integrados na hoste do Rei castelhano que os havia pedido de Sevilha ao Rei de França (Lafuente, *Hist. Gen. de España*), terem atacado a cavalo, sendo desbaratados e mortos; depois do que «D. João renova o ataque com os seus cavaleiros».

Que nem todos os cavaleiros espanhóis apearam, é certo visto que «o Mestre de Alcântara com a sua cavalaria intacta, ficou ainda sobre o campo recolhendo os fugitivos» (Oliv. Martins, *obr. cit.*).

Ora, se nos Atoleiros sabemos que o ataque dos castelhanos foi feito a cavalo, «atrevido-se que eram muytos & bem encavalgados & que logo desbaratariam» a bisonha hoste dos portugueses, não sei que motivo leve a garantir que em Aljubarrota, onde os sucessos tanto se assemelham, a cavalaria do Rei de Castela não tenha aproveitado a vantagem incontestável do seu peso no choque e esmagamento da hoste portuguesa, tanto mais que, pelo mesmo pensar, já «todos haviam a batalha por vencida».